

DETERMINISMO E MORALIDADE NA PSICANÁLISE DE FREUD

EDER SOARES SANTOS

Universidade Estadual de Londrina
edersan@uel.br

RESUMO: Este artigo tem por intenção mostrar alguns elementos que justificariam se falar de determinismo na obra de Freud que diretamente produzem consequências sobre sua concepção de moralidade. Iniciaremos mostrando que devido as suas filiações, relativas à sua formação científica, Freud apresenta explicações sobre o psíquico que procuram a via da determinação causal. Em seguida, mostraremos que, uma vez explicado os mecanismos de funcionamento do aparelho psíquico, a origem de nossos desejos e de nossas neuroses estão a tal ponto determinadas por nossa história filogenética que irremediavelmente configura toda nossa moralidade. Brevemente, ao final, apontamos uma mudança paradigmática dessas concepções da psicanálise tradicional freudiana a partir da perspectiva de Winnicott.

Palavras-chave: Determinismo. Moralidade. Freud. Winnicott.

ABSTRACT: This article aim to show some elements that justify talk of determinism in Freud's work that directly produce consequences for his conception of morality. We begin by showing that Freud, due to their scientific affiliations, presents explanations of psychic that leads one to the path of causal determination. Then we show that, once explained the workings of the psychic apparatus, the source of our desires and our neuroses are to such an extent determined by our phylogenetic history that inevitably sets up our whole morality. Briefly at the end, we point out a paradigm shift from traditional conceptions of Freudian psychoanalysis from the perspective of Winnicott.

Keywords: Determinism. Morality. Freud. Winnicott.

DETERMINISMO NO FUNCIONAMENTO DO PSÍQUICO

Freud é um devedor de seus mestres e das ideais guias (*Zeitgeist*) da sua época. Por isso, não é de se estranhar que Freud tenha compartilhado durante toda sua vida do juramento de seguir a doutrina do mecanicismo formulada por Ernst Brücke – professor de fisiologia e chefe do laboratório aonde Freud começou suas primeiras pesquisas neurofisiológicas – e Emil Du Bois-Reymond. Este juramento servia de orientação espiritual e científica na Escola de Medicina de Helmholtz na qual Freud foi formado:

Brücke e eu fizemos um solene juramento para efetivar esta verdade: nenhuma outra força, além daquelas químico-físicas, está em atividade no

organismo. Nos casos que não se puder, até o momento, explicar por essas forças tem-se que procurar o modo específico ou a forma de sua ação considerando o método físico-matemático ou assumindo novas forças iguais em dignidade às forças químico-físicas inerentes a matéria, redutíveis à força de atração e repulsão. (Cf. AMACHER, 1965, p. 10)

A primeira tentativa de Freud que corresponde às orientações desse juramento encontra-se no seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895)¹ que foi engavetado e nunca publicado em vida. Tratava-se ali de encontrar um substrato anatômico para as funções e os processos psíquicos. Todavia, esse seu primeiro modelo de aparelho psíquico era insuficiente para explicar a formação de certas fantasias produzidas na mente dos sujeitos. Faltavam-lhe ainda os conceitos de pulsão, rever a sexualidade infantil e o conceito de complexo de Édipo.

Na virada do século, em 1900, surge o que viria a ser sua obra mais conhecida, *A interpretação dos sonhos*. Em relação ao *Projeto*, a *Interpretação* apresenta uma clara recusa de procurar um referencial neuroanatômico, a linguagem deixa de ser neurofisiológica e passa a ser psicológica e nada no modelo precisa corresponder à realidade. Trata-se de uma modelo analógico em que tudo funciona no esquema do *como se (als ob)* (Cf. Monzani, 1989)

Embora analógico, o modelo ainda está sustentado sobre a ideia de um aparelho – aparelho fotográfico que possui câmeras distintas e lentes que as dividem – e, portanto, determinado pelo tipo de explicação causal. Vejamos brevemente a explicação desse mecanismo.

Com a investigação dos sonhos, Freud incorporou três novidades às suas pesquisas: 1) o sonho é um processo dotado de sentido; 2) ele é possível de ser inserido na cadeia de experiências psíquicas do sonhador e 3) sonho é a realização de um desejo.

Não é possível se ter garantia de conhecer os sonhos tal como realmente ocorrem, pois nossa memória o mutila e é incapaz de retê-lo integralmente. Nossas lembranças deles são fragmentadas, inexatas e falsas em função da censura do sonho. Mas nem por isso deve-se considerar a produção dos sonhos como arbitrárias. Não há arbitrariedade, pois se um

¹ Sobre a escolha de Freud em considerar a psicanálise uma ciência natural, ver “Nota 1” em GABBI JUNIOR, 2003, pp. 19-20.

elemento deixa de ser determinado por certa cadeia de pensamentos, sua determinação é imediatamente comandada por outra (Cf. Freud, 1996, p. 510).

Devido à censura onírica que é a resistência à irrupção dos pensamentos oníricos na consciência, então, paira a dúvida sobre a exatidão do relato de um sonho ou de certos pormenores dele. Junto à dúvida está o esquecimento que age como resistência à lembrança dos sonhos. Resistência causa deslocamento e substituições do pensamento. A resistência, por sua vez, é causada pelo recalque (*Verdrängung*).

Já que há resistência e recalque, como o sonho chega se formar? Segundo Freud, da seguinte forma: no decorrer da noite, a resistência perde parte de seu poder. Porém, não perde inteiramente visto que funciona nos sonhos como um agente deformador. Com o despertar retoma todas as suas forças e se livra daquilo que foi obrigada a permitir.

A censura atua sobre os pensamentos. No processo de sonhar, um pensamento, geralmente um pensamento sobre algo desejado, objetiva-se no sonho, é representado como uma cena; é vivenciado (*erlebt*) (Cf. Freud, 1996, p. 511). No sonho o pensamento é representado como uma situação imediata sem “talvez” e transforma-se em imagens usuais e em fala.

O aparelho psíquico pode ser imaginado tal como um aparelho fotográfico composto por componentes chamados de sistemas. Os sistemas mantêm uma relação espacial constante e uma ordem temporal que servem para se pensar que a excitação atravessa os sistemas numa dada sequência (Cf. Freud, 1996, pp. 514-518). Funciona como se fosse um aparelho reflexo que determina um sentido e direção, ou seja, a atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações (descarga).

Ao entrar em funcionamento o aparelho sofre uma primeira diferenciação na extremidade sensorial (percepção), causando modificações permanentes dos sistemas, aí se registram os traços mnêmicos responsáveis pela função da memória.

A seguir, ocorre uma segunda modificação que é sofrida na parte frontal do aparelho que recebe os estímulos perceptivos, mas não preserva nenhum traço deles, ou seja, não tem memória. Assim, percepção e memória precisam se ligar por um mecanismo de associação,

funcionando da seguinte forma: diminuição da resistência e estabelecimento de vias de facilitação e, assim, a excitação é transmitida de um sistema para outro.

Esse sistema se dividiria em três instâncias: consciente (Cs), pré-consciente (Pcs) e inconsciente (Ics). A consciência está ligada à percepção e à vida de vigília, determinando nossas ações voluntárias e conscientes. O pré-consciente situa-se na extremidade motora, os processos excitatórios nele ocorrido podem penetrar na consciência sem maiores empecilhos. Já o inconsciente não tem acesso à consciência senão através do pré-consciente; no inconsciente situa-se o impulso para formação dos sonhos. Ele é o reservatório de nossas pulsões, nossos desejos.

Dado esse mecanismo, pode-se explicar a formação dos sonhos do seguinte modo: a excitação que deveria ser descarregada na extremidade motora move-se em direção retrocedente, ou seja, descarrega-se na extremidade sensorial. E por que retrocede? Freud supõe que as intensidades ligadas às representações podem ser completamente transferidas pelo trabalho do sonho de uma representação para outra: “Durante o dia há uma corrente contínua que flui do sistema Ψ das percepções em direção à atividade motora, mas essa corrente cessa à noite e não pode mais constituir obstáculo a uma corrente de excitação que flua em sentido oposto” (FREUD, 1996, pp. 519-520)

Esse mecanismo de explicação do aparelho psíquico será o modelo utilizado por Freud até 1919 quando publica *O ego e o id*, propondo uma segunda tópica. Não trataremos dessa tópica aqui, pois, no essencial, o mecanismo regressivo e repressivo do funcionamento psíquico será o mesmo.

Qual seria a função do aparelho psíquico de 1900? Procurar realizar o máximo de prazer e evitar qualquer desprazer. Assim, poderíamos pensar que ao realizar todos os nossos desejos atingiríamos o maior prazer e, com isso, haveria liberdade, na medida em que sempre poderia realizar aquilo que quero. Todavia, para Freud, aquilo que mais quero profundamente realizar são desejos não aceitos pelo meu senso moral e, por consequência, provoca conflito psíquico, e o conflito por sua vez, produz desprazer.

De onde surgem nossos desejos? Como podem se expressar livremente? Nossos desejos podem surgir quando: 1) acordado durante o dia, por motivos externos, não tenha satisfeito algum desejo, 2) quando surge algum desejo durante o dia, mas ele é repudiado, um

desejo com o qual não me ocupei, mas que foi suprimido. 3) desejos que têm origem no Ics, aqueles que só emergem à noite (ou em atos falhos e chistes) da parte suprimida da psique e se tonam ativos em nós.

Os desejos do Ics estão sempre em estado de alerta para se ligarem a alguma pulsão que desemboque no consciente, porém pela intensidade desses desejos e por ser de caráter conflitivo, eles devem ser mantidos sob recalçamento.

Todos os desejos devem ser recalçados? Em princípio não. Entre os desejos primitivos mais intensos contam-se a sede, a fome e o sexo. Não há como reprimir a fome e a sede, porém para que o homem pudesse sobreviver em sociedade lhe foi, segundo Freud, necessário reprimir seus desejos sexuais. Por consequência, os fundamentos morais, culturais, religiosos e sociais de nossa sociedade têm a ver com nossa capacidade de reprimir nossas pulsões sexuais.

Pulsões são como forças motrizes que se ligam aos nossos pensamentos e formam nossas representações. As representações ligam-se em cadeias de raciocínios que deve sob a força do recalque manter certa coerência com o que é aceito por determinada civilização. Cabe ao consciente manter vigilância justamente com a instância crítica e censuradora do aparelho psíquico para que pulsões indesejadas não escapem do Ics e possam se associar a pensamentos que criem representações indesejadas (no fundo, as mais desejadas) e que não podem ser realizadas a não ser sob um grande embate moral.

A consequência disso é que o aparelho psíquico determinaria minha própria vontade e meu querer independentemente das minhas intenções, pois para viver em sociedade minha liberdade de desejar deve ser tolhida.

DETERMINISMO DA CIVILIZAÇÃO

Afinal, o que determinaria nossa mente a funcionar como um aparelho psíquico repressor? Para Freud, a resposta não se encontra apenas numa investigação interna dos mecanismos do aparelho, mas também numa motivação externa. Na história do desenvolvimento da espécie humana, na sua evolução.

Embora *Totem e tabu* seja o primeiro texto em que Freud desenvolve extensamente essa questão, já consta em um dos seus manuscritos (Manuscrito N) de 1897 seu

posicionamento de que haveria um antagonismo entre comunidade sexual e cultura, em que para haver a última é preciso se renunciar à primeira. Ele diz nesse manuscrito:

O horror ao incesto (infame) baseia-se em que, em consequência da comunidade sexual (também na infância), os membros da família, permanecem continuamente juntos e tornam-se incapazes de entrar em contato com estranhos. Portanto, ele é anti-social – a cultura consiste nessa renúncia progressiva. (FREUD, 1996, Manuscrito N, 31 maio de 1897, p. 307)

Freud parece ter três intenções ao fazer seu estudo sobre moral e religião: 1) mostrar que tanto a moral quanto a religião fornecem indício sobre o interior psíquico; 2) mostrar que ambas podem ser analisadas e consideradas como sintomas psíquicos e 3) que nossa civilização está erigida no seu desenvolvimento evolutivo sobre o signo da repressão e, portanto, condenada a sofrer das neuroses advindas desses conflitos pulsionais reprimidos.

O primeiro a se fazer, então, para Freud era examinar aquilo que organiza o desejo. Tomando a antropologia como auxílio, Freud destaca que os povos mais primitivos submetiam suas pulsões sexuais a restrições severas e o totemismo ocupava um lugar central para o estabelecimento das instituições sociais e religiosas. O sistema totêmico está baseado na exogamia.

A questão que se coloca para Freud é a seguinte: por que os selvagens temem tanto o incesto a ponto de terem estabelecido um excesso de proibição em relação a ele? Para Freud, aonde há um excesso de interdição é porque há um excesso de desejo.

A psicanálise ensinou-nos que a primeira escolha sexual do objeto de um menino é uma escolha incestuosa, e que estes objetos, a mãe e a irmã, são interditados. Também aprendemos sobre a forma pela qual ele se libera da atração incestuosa enquanto cresce. Todavia, um neurótico apresenta invariavelmente uma porção de infantilismo psíquico: ou ele falhou em libertar-se das relações infantis do seu desenvolvimento psicosexual ou retornou a elas. Chegamos, assim, a ver no anseio pelo incesto que domina a relação com os pais o complexo nuclear da neurose. (FREUD, (1912), 1987)

Assim, Freud pode estabelecer uma identidade entre quatro termos: criança, neurótico, selvagem e homem pré-histórico se identificam por meio do anseio ao incesto. Por trás dessa correlação identitária subsiste a seguinte tese: o que hoje é inconsciente, um dia já foi consciente.

Qual é a natureza da interdição? A proibição no tabu é contra o tocar, porém os propósitos da proibição – que podem ser óbvios em muitos casos – na maioria das vezes é sem sentido, inadequado e incompreensível.

Reside na interdição uma necessidade interna que visa expiar, defender-se, purificar-se em relação a um desejo; ocorre o efeito de deslocamento de seu objeto de desejo para outro objeto com a produção de atos cerimoniais.

Dessa forma, deve-se procurar na estrutura de formação dos desejos de que modo uma interdição se constitui. A explicação possui caráter metapsicológico: topicamente o desejo surge de dois sistemas distintos Ics e Pcs; dinamicamente há oposição entre desejos, ou seja, entre a realização de um desejo do Ics e o desejo do Cs em não deixar que o primeiro se realize. E no aspecto econômico: busca-se manter a constância de energia dentro do sistema psíquico que é sempre alterado pelas incidências pulsionais do Ics.

Da luta entre querer realizar um desejo e o não permitir sua realização surgiria a culpa como fundamento do sentimento moral. Essa tensão provoca uma luta interna que causa sentimentos de ambivalência contrapondo impulsos libidinais e hostis. Isto é, ao mesmo tempo em que quero realizar meus desejos também quero mantê-los reprimidos. Assim a oposição entre desejo consciente e inconsciente produziria em mim um sentimento de culpa e, como resto adicional da ambivalência, angústia.

Com a evolução da humanidade e o desaparecimento do tabu tribal em nossa sociedade ocorreu que nossos impulsos libidinais e agressivos originários foram cada vez mais afastados da nossa consciência e a repressão que inicialmente era externa e simbolizada pelo totem, tornou-se interna como um mecanismo psíquico que sempre se ativa quando alguma pulsão que transgride a lei do interdito procura se realizar. Em consequência, a civilização passa a poder existir, porém, baseada sobre a repressão.

Durante a evolução da humanidade teria ocorrido, então, uma passagem da determinação natural que permitia a nossa natureza animal ir em busca da realização de qualquer desejo sexual, incestuoso e criminoso/assassínio para uma determinação psíquica em que o que deve controlar a natureza dos desejos do homem passa a ser o mecanismo de funcionamento do aparelho psíquico.

Como se vê nossos desejos e nossa vontade que poderíamos pensar seriam livres e autônomos na condução do nosso querer estão controladas por uma determinação filogenética primitiva da nossa cadeia evolutiva. Isso significa dizer que nossos desejos mais primitivos seriam frutos de nossas necessidades naturais condicionados desde o início das hordas mais primitivas a serem reprimidos. É em função da necessidade de socialização, que implica controlar o excesso de desejo de um grupo, que desenvolveu-se uma determinação psíquica do desejo que controla e pré-define com o quê e como posso me satisfazer – e mesmo que esses desejos escapem de alguma forma o mecanismo psíquico os transforma em sintomas neuróticos.

A determinação psíquica produz repressão que ao recalcar produz ambivalência que, por sua vez, causa angústia e sentimento de culpa. Estes últimos servem para fundamentar, na visão de Freud, a moralidade que permite a fundação da civilização.

A PERSPECTIVA DA PSICANÁLISE DE WINNICOTT

Winnicott tem claro para si que a psicanálise de Freud possui um caráter determinista em função dos compromissos teóricos e epistemológicos sobre os quais ela se sustentava. Ao falar sobre o sentimento de culpa, que segundo Freud nossa civilização teria herdado, Winnicott comenta:

Freud trata aí a natureza humana em termos de *economia*, simplificando deliberadamente o problema, com propósito de estabelecer uma formulação teórica. Existe um *determinismo implícito em todo seu trabalho*, a premissa de que a natureza humana pode ser examinada objetivamente e que podem ser a ela aplicadas as leis conhecidas em física (WINNICOTT, 1996 (1958), p. 16. Grifos nossos)

Essa afirmação de Winnicott encontra anuência no próprio texto de Freud quando esse diz:

A nossa suposição de um aparelho psíquico desenvolvido através das necessidades da vida, espacialmente extenso e composto convenientemente [*zweckmässig*] e que tem sua origem somente em um lugar [*Stelle*] determinado sob certas condições dos fenômenos da consciência [*Bewusstsein*], colocou-nos em posição de elevar [*aufrichten*] a psicologia a

um fundamento [*Grundlage*] semelhante ao de toda ciência da natureza [*Naturwissenschaft*], por exemplo, como a física. (FREUD, 1993, p. 126)

Winnicott descende de uma formação psicanalítica freudiana, então, por que sua própria psicanálise não teria herdado o determinismo explicitamente presente na teoria de Freud?

A resposta está em que de Freud a Winnicott houve uma mudança de paradigmas (Cf. Loparic, 2001; Santos 2010). Seria inexato dizer que Winnicott não considera o determinismo quando trata da discussão sobre a natureza humana, porém ele não assume o determinismo para toda a constituição psíquica dessa natureza. Para Winnicott, estamos determinados por dois fatores: nosso potencial herdado geneticamente e nossa tendência ao amadurecimento. Podemos nascer com deformações cerebrais ou herdar problemas neurológicos de nossos genitores. Porém, Winnicott não acredita que toda doença psíquica seja herdada geneticamente. Ao contrário, para ele, a grande maioria dos distúrbios emocionais graves – como psicoses e esquizofrenias – surge em função de problemas ocorridos durante o processo de amadurecimento. Para ele, todos têm uma tendência a amadurecer e a se integrar como um si-mesmo que constitui uma unidade que chamamos de pessoa. Entretanto, tirando esse fato, tudo o que somos precisa ser conquistado por aquele que acabou de nascer. Afora nossa própria capacidade para amadurecer, nada está dado ou pré-determinado para um lactente biologicamente saudável.

Contudo, dada a incipiência desse ser que está surgindo, o bebê, ele só vai conseguir realizar suas conquistas se tiver a ajuda e o cuidado de alguma pessoa – em geral sua mãe, mas não necessariamente – que possa lhe prover suas necessidades.

A provisão para o bebê começa pelo aspecto físico ainda quando ele está no útero. Depois, a provisão, que ainda é física, auxilia na constituição psicológica do bebê. Winnicott anuncia aqui um paradoxo: o bebê é dependente porque necessita de cuidados ambientais e, ao mesmo tempo, independente porque possui uma tendência inata ao amadurecimento. Por um lado, quando o bebê nasce, diz Winnicott, “há tudo o que é herdado, incluindo a tendência ao amadurecimento, e talvez tendências patológicas herdadas, estas têm uma realidade própria, e ninguém pode alterá-las; por outro lado, ao mesmo tempo, o amadurecimento depende para sua evolução da provisão ambiental” (WINNICOTT, 1996 (1963), pp. 84-85). Esse paradoxo não é para ser resolvido, mas sim apenas aceito. Pois assim é a existência

humana desde o seu início, uma sucessão de paradoxos que não podem ser resolvidos. O que pode ser dito é que o ser humano não vai por si, embora seja possuidor de certas tendências, como a de amadurecer; é necessário que haja a presença de um outro para se poder ser. O modo fundamental de existência do ser humano nos estágios iniciais é o de um *iniciar-se com* (*start with*) (Cf. Winnicott, 1984, pp. 17-18), momento em que o bebê se encontra [*becomes*] fundido ao si-mesmo (*self*) da mãe.

A criança no estado de dependência absoluta necessita que o ambiente facilite seu amadurecimento para que o seu ir-sendo (*going-on-being*), sua continuidade de ser, não sofra interrupções. Entretanto o ambiente não tem mais do que a função de auxiliar e sustentar o começo do existir. Ele é um apoio (*holding*) para que o ser que está surgindo possa manter-se existindo.

Após certos momentos do início é possível se falar em integração. Integração é o modo pelo qual algo ou alguém torna-se parte de alguma coisa. No que diz respeito à natureza humana, a integração faz com que *ser* seja compreendido como uma unidade, ou seja, que aquilo que é (sua permanência no tempo do seu próprio existir) da existência possa ter algum sentido para essa pessoa. Em outras palavras, o si mesmo da pessoa, seu *self*, que diz aquilo que ela é, adquire um status de unidade. Nas palavras de Winnicott:

Integração significa responsabilidade, e isso é acompanhado por consciência [*awareness*], por um conjunto de memórias e pela junção de passado, presente e futuro dentro de um relacionamento; assim, ela praticamente significa o começo da psicologia humana. (WINNICOTT, 1996 (1963), p. 119)

Deve-se acrescentar ainda que não há um estado de coisas organizado no início, o que existe é ainda uma ausência de globalidade no tempo e no espaço. O processo de integração será responsável por conferir esse sentido de globalidade. Nem por isso devemos considerar que esse estado anterior à integração seja um estado de caos. Não se trata disso, pois “caos é um conceito que traz consigo a ideia de ordem; a escuridão tampouco está presente no início, já que a escuridão implica na ideia de luz.” (idem, p. 135)

O que existe é um estado de não-integração, que é acompanhado por um estado de não-consciência. É a partir desse estado inicial que a integração se produz. Como isso acontece? A integração se dá gradualmente por breves momentos e períodos, só se tornando um fato depois de muitas idas e vindas do bebê do estado de não-integração para o estado de

integração. Para que esse processo se dê, é preciso levar em conta que existem os fatores internos – como as urgências (*urges*) instintuais e a expressão de agressividade – e o cuidado ambiental contribuindo para essa integração.

A conquista da integração como um fato depende da estabilidade do ambiente, ou seja, depende de que o ambiente seja confiável. Dessa forma, “à medida que o *self* se constrói e o indivíduo se torna capaz de incorporar e reter lembranças do cuidado ambiental” (WINNICOTT, 1988, 117), ele pode começar a cuidar de si mesmo, isto é, gradualmente a dependência, que é nesse momento absoluta, pode ir diminuindo.

A integração consiste, portanto, num estado precário; estado que é próprio a todo existir humano. É preciso reconhecer que ela é um estado a ser conquistado. (Cf. Dias, 2003) Dadas certas condições iniciais a integração torna possível um maior estado de confiabilidade e, com isso, o si-mesmo (*self*) torna-se firmado (*established*) e a pessoa torna-se capaz de incorporar e reter lembranças dos cuidados providos pelo ambiente, fazendo com que a integração venha a ser um estado confiável em direção à conquista do estabelecimento de uma unidade, isto é, estabelece as condições de possibilidade para se pensar em um sentido de ser.

Ter atingido o *status* de *self* unitário não significa que o processo chegou ao fim. A integração está ligada à continuidade de ser de cada um que, por sua vez, possibilita se chegar a um sentido de ser que só pode ser alcançado em sua totalidade no findar da existência do ser, isto é, na sua morte.

Antes de se formar um Eu Sou, uma unidade, é preciso se formar um Eu. Para que isso ocorra, é preciso que a união psico-somática, ou seja, que o alojamento da psique no soma tenha se realizado para que faça sentido se falar de Eu e, logo em seguida, pressupor que exista um ser. Pois ter a possibilidade de fazer a diferenciação entre Eu e não-Eu permitiria ao bebê, caso tivesse a sofisticação para tanto, pensar assim: "eu sou, eu existo, adquiero experiências". (WINNICOTT, 1962, p. 61) Trata-se de poder ser si-mesmo e não de se sentir culpado patologicamente por existir. (Cf. Barretta, 2012) Trata-se de assumir responsabilidade por suas ações na sociedade e não de constituir uma sociedade com base em uma culpa imemorial.

Para finalizar, em que sentido poder-se-ia considerar liberdade em Winnicott?

No sentido de que não há garantias nem caminhos pré-traçados seja para a saúde ou para a doença do psiquismo. Quando Winnicott diz que uma criança suficientemente bem cuidada tente a se sair bem na constituição e na conquista de um si-mesmo, não quer dizer com isso que o sucesso está garantido. A vida humana, além de sofrer da constante ameaça a sua finitude, é muito precária e o que foi conquistado pode sempre ser perdido. Por isso o cuidar de si e o cuidar do outro sempre são requeridos como necessidades constantes. Nossa liberdade reside no fato de que sempre podemos procurar reconquistar aquilo que perdemos ou que, por algum motivo, foi roubado de nós. Está em que estamos abertos as nossas possibilidades e não, ao contrário, determinados por ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMACHER, P. Freud's neurological educations and its influence on psychoanalytic theory. *Psychological Issues*, v.4, n.4, 1965.
- BARRETTA, J.P. A origem da moralidade em Freud e Winnicott. *Winnicott e-prints*, vol.7, no.1, São Paulo, 2012. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679432X2012000100005&script=sci_arttext
- DIAS, E. O. *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FREUD, S.(1897) "Manuscrito N", Escritos Pré-psicanalíticos. *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Abriss der Psychoanalyse. GW. Band XVII. Frankfurt a. Main: S. Fischer, 1993, p. 126.
- _____. (1912) Totem und Tabu. In: *Gesamte Werke*. Vol. IX, Frankfurt: S. Fischer, 1987.
- _____. (1923) Das Ich und das Es. In: *Gesamte Werke*. Vol. XIII, Frankfurt: S. Fischer, 1987.
- _____. (1900) *Die Traumdeutung*. Studienausgabe. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1996.
- _____. (1895) Projeto para uma Psicologia Científica. *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- GABBI JUNIOR, O. F. *Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- LOPARIC, Z. Esboço do paradigma winnicottiano. *Cadernos de história e filosofia da ciência*. Campinas – CLE – Unicamp, série 3, v. 11, n. 2, 2001.
- MONZANI, L. R. *Freud: O Movimento de um Pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- SANTOS, E. S. *Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos*. São Paulo: DWW Editorial/FAPESP, 2010.

WINNICOTT, D. W. (1958) Psycho-analysis and the sense of guilt. In: *The Maturation Process the Facilitating Environment*. International Universities Press, Madison, 1996.

_____. (1963): From dependence towards independence in the development of the individual. In: *The Maturation Process the Facilitating Environment*. International Universities Press, Madison, 1996.

_____. (1962): Ego Integration in Child Development. In: *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. Madison/Connecticut: International Universities Press, 1996.

_____. *The Family and Individual Development*. London/New York: Tavistok Publications, 1984.

_____. *Human Nature*. New York: Brunner/Mazel, 1988.